

ALGUMAS PROPOSTAS E REGRAS PARA A DIRECÇÃO DO ESPÍRITO NO ESTABELECIMENTO DE UMA RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E CULTURA¹

*José Martinho*²

PROPOSTAS

Proponho que consideremos a Psicanálise e a Cultura (eventualmente a «Cultura Portuguesa») como dois campos distintos, mas podendo – é a minha hipótese para a presente investigação - tecer uma relação entre si. Proponho chamar a esta relação a «intersecção» dos dois conjuntos.

Não há linguagem que possa ser elevada ao estatuto de metalinguagem, para deste topo hierárquico observar, avaliar e julgar uma ou todas as outras linguagens. É obvio que o discurso do analista, nomeadamente de orientação lacaniana, também não é essa metalinguagem que não existe.

Evitemos igualmente a tentação especulativa de uma terceira via, de uma disciplina (nova genealogia do poder ou arqueologia do saber, por exemplo) que não seria a

¹ Este texto resulta de uma reflexão feita após um Encontro sobre “Psicanálise e Cultura Portuguesa”, Fundação Calouste Gulbenkian, 29 e 29 de Junho 2010. (Programa em: http://www.ucp.pt/site/resources/documents/FCH/CECC/programa_psic.pdf).

² Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Director do Centro de Estudos de Psicanálise e da revista *Afreudite*, fundador da Antena do Campo Freudiano.

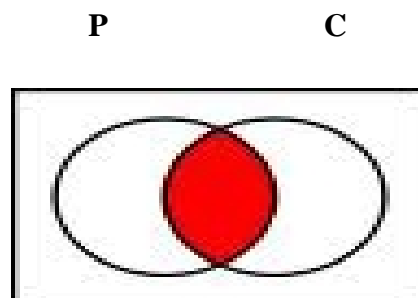
Psicanálise, nem nenhuma das disciplinas já existentes no espaço cultural, mas a futura metalinguagem da relação entre a Psicanálise e a Cultura.

Basta dizer que a linguagem psicanalítica pode entrar num intercâmbio com as linguagens que se encontram no campo da cultura, a linguagem poética, retórica, política, a linguagem da religião, da filosofia, da arte, do direito, etc. Todavia, a «intersecção» a que me referi não é uma interlocução, um diálogo ou uma troca de palavras procurando consensos, ou visando resolver os eventuais diferendos que possam existir entre psicanalistas, intelectuais e outros trabalhadores do espaço cultural.

A conjunção «e» que liga «Psicanálise e Cultura» também não é sinónimo de uma cópula entre as duas, com os efeitos nefastos que esta pseudo união podia ter sobre a autonomia de um ou dos dois domínios.

Peço que se considere a «intersecção» como um real lógico ou que apenas encontra a sua consistência a partir da lógica simbólica.

Chamemos à Psicanálise o conjunto P, e à Cultura o conjunto C. Na teoria dos conjuntos, a intersecção de P e C é o conjunto de elementos que pertencem simultaneamente a P e a C. Represento esta intersecção através de um diagrama de Venn:



O conjunto intermédio (a vermelho na figura) escreve-se $P \cap C$, e designa a intersecção Psicanálise e Cultura. Os elementos comuns a P e C são, pois, termos que pertencem aos dois conjuntos. Por exemplo, «Narciso» e «Édipo» são nomes ou mais precisamente significantes que se encontram tanto na Psicanálise, como na Cultura.

É por aí que se deve começar, ou seja, para obter a intersecção P e C, a primeira coisa a ter em conta é a dimensão do significante. Só depois é que vem a semântica, por exemplo a diferença conceptual que pode existir entre o «complexo» e o «mito» de Édipo.

Na lógica dos conjuntos, cada conjunto contém o conjunto vazio (\emptyset), ou seja, o conjunto sem elementos é, por definição, um subconjunto de todo o conjunto. Lembro, ainda, que a intersecção de P e \emptyset é o conjunto vazio; *mutatis mutandis* para a intersecção de C e \emptyset .

Há, pois, uma intersecção entre conjuntos que não concerne os seus elementos, mas a sua parte vazia. A não anulação deste vazio é aquilo que pode garantir o avanço da investigação, o seu aspecto de criação *ex nihilo*, assim como o seu eventual sucesso.

CINCO REGRAS

1ª – O investigador que se interessa pela Psicanálise deve, como todos os psicanalistas, partir de Freud. Melhor seria ainda que partisse de Freud lido à luz de Lacan. Recorrer a outros psicanalistas, como Klein, Winnicott ou Bion é correr um risco, porque se é facilmente conduzido a uma tentativa de anexação médico-psicológica da obra (literária, pictural ou outra), ou à sua explicação pela biografia do suposto «autor». Em todos os

casos, o crucial é sempre o que dizem e escrevem os psicanalistas, e não os «pensadores» que não puderam ou quiseram interessar-se pela psicanálise, ou aqueles que apenas a abordam do exterior.

2ª – Do mesmo modo que Freud dizia que o artista precede sempre o cientista, Lacan aconselhou o psicanalista (ou qualquer outro interessado pela psicanálise) a não brincar ao psicólogo diante de uma obra. A obra que o atrai deve ser considerada como um objecto inédito; como obra-prima, pode até ser o objecto por excelência do sujeito.³ Assim, mais do que analisar a obra, convém abordá-la como a analista do intérprete, autor, leitor ou espectador.

3ª – Dado que não existe obra sem linguagem, o melhor método é seguir a rede formal da obra, antes de qualquer estabelecimento do seu sentido.

4ª – A partir dessa rede formal, o investigador deve procurar reduzir – mesmo que isto nem sempre seja viável – a obra ao que ela tem de mais real. Cercar o real da obra, para o psicanalista, equivale primeiramente à reconstrução do seu núcleo problemático, o «fantasma fundamental»⁴ que a habita mais do que a gera.

5ª – Por fim, o estilo é a modalidade pela qual a obra ataca sintomaticamente o real, o simbólico e o imaginário. Esta sublimação ou superação da repetição do trauma inicial – no seu grau zero o encontro do espécimen com a linguagem que produz o mal-entendido e o mal-estar individual e colectivo - é o ponto onde melhor se firma a singularidade de um dizer e fazer, se afirma a originalidade da obra.

³ Lacan designou o objecto da/na psicanálise «objecto a»; e o sujeito que lhe corresponde o sujeito dividido do significante (S). O «objecto a» não é um dado natural, nem objectivo, mas o suplemento do gozo que falta a cada vivente humano em virtude da sua alienação à linguagem e à socialização familiar; enquanto objecto perdido e causa do desejo, o «objecto a» tem o sentido negativo e positivo de um «plus-de-jouir».

⁴ A fórmula lacaniana do «fantasma fundamental» escreve-se a◇S.